

# FOLHA DO PROFESSOR

Ano 20/número 85/Outubro de 79 Publicação Mensal

Órgão do Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro

## PROFESSORES. PRESENTE!



Professores disseram presente nas comemorações da sua semana. Dançaram, jogaram futebol. Comeram angu e foram ao teatro. Mas, fundamentalmente, debateram seus problemas. Discutiram o ensino pago. Repensaram a História e as nossas carências. Foram às ruas. Reiteraram a luta pela anistia geral e a volta imediata dos professores cassados. Na Cidade de Deus, uma comemoração diferente. O principal da semana do professor está nas páginas centrais.

E ainda mais:  
**AJUDE O SINDICATO.**

Pág. 2

**MONREVI APELA.**

Pág. 3

**DEMISSÕES CONTINUAM.**

Pág. 4

**O QUADRO NEGRO.**

Pág. 5

**DISCUTINDO PAULO FREIRE.**

Pág. 8

**REFORMA SALARIAL E CLT.**

Pág. 9

**SINDICALISTAS VOLTARAM.**

Pág. 10

**E A UNE TAMBÉM.**

Pág. 11

**MARIANO  
FALA DA MERENDA  
ESCOLAR  
NAÚLTIMA PÁGINA**



# CONTRIBUIR COM 10% É FAZER O SINDICATO FORTE

Ricardo Coelho

Este ano cresceram muito as despesas do sindicato. Não é para menos. Gastos imensos foram efetuados com as greves do SENAI, do 1º e 2º graus e do ensino superior; a ampliação acelerada do quadro de associados e a crescente procura do sindicato, exigiram aumento do número de funcionários e dos gastos administrativos. Logicamente, as atividades culturais, recreativas etc. significam despesas.

E isto é apenas o começo. Para melhorarmos o atendimento aos nossos associados, para ampliarmos os benefícios e atividades e para construirmos uma sólida base material para nossas lutas precisamos de recursos.

Para se ter uma idéia: só com as publicações do sindicato (cartas abertas, editais, jornal, etc.) durante a greve de abril se gastou Cr\$ 608.505,52; nossa folha de pagamento fixa mensal é de Cr\$ 163.542,66.

Alguns poderão pensar: bem, os gastos já são cobertos com o dinheiro arrecadado com o imposto sindical (chamado eufemisticamente de "contribuição" sindical)

Puro engano. Para começar, o Governo abocanha 20 por cento da receita e ninguém sabe como ele a utiliza; ao mesmo tempo, outros 20 por cento são para nossa federação (Federação Interestadual de Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino). Os 60 por cento restantes? Sobre

eles cai o peso da CLT. Só podem ser utilizados no assistencialismo ou em atividades recreativas.

Assim, a utilização da renda proveniente do imposto sindical fica totalmente prejudicada.

Portanto, numerosos gastos do Sindicato têm que ser efetuados com recursos que obtemos com a contribuição voluntária do professorado. Mas pouco avançamos neste campo. A nossa conta referente a "rendas próprias" tem decrescido muito e hoje contamos com apenas Cr\$ 540.080,26 de saldo.

Se pretendemos de fato romper o atrelamento ao Ministério do Trabalho é fundamental que, desde agora, nos comprometamos a sustentar o sindicato com a nossa contribuição, independentemente do imposto sindical.

Dá a importância de contribuirmos, com 10 por cento sobre o aumento recém-efetivado, como decidimos na última Assembléia geral. São 10 por cento sobre a diferença entre nossos salários em março e o salário atual.

Este dinheiro, a ser descontado nas escolas, será parte fundamental das "rendas próprias", podendo ser utilizado pelo sindicato fora dos estreitos marcos da CLT.

Devemos sustentar o sindicato com nossa contribuição voluntária. Mostremos que não dependemos do imposto sindical compulsório. Organizemos uma campanha para esclarecer os colegas.

## PLACAR DE SINDICALIZAÇÃO

Professores que se sindicalizaram:

2º semestre de 1978	732
1º semestre de 1979	1356
julho/79	104
agosto/79	72
setembro/79	99

FOLHA DO PROFESSOR  
Ano 20 N° 85 Outubro 1979

Órgão oficial do Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro

Sede própria — Rua Pedro Lessa, 35/2º andar — CEP 20.030 — Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 224-7466

Diretor Responsável

Waldyr Duarte

Comissão de Imprensa e Divulgação  
Ana Maria Szapiro, Ana Morena, Gustavo Krause, Jorge Luiz de Souza e Silva, José Muniz Navegantes,

Luz Edmundo Aguiar, Milton Reinaldo Flores de Freitas, Orlando Guilhon, Ronaldo Reis.

Arte e Diagramação

Laerte Fernandes

Jornalista responsável

Heliete Vaitzman

A Diretoria não se responsabiliza pelos artigos assinados

A Folha do Professor está aberta à colaboração dos companheiros. Todavia, o acúmulo de matérias pode obrigar a Comissão de Imprensa e Divulgação a selecionar aquelas que, a seu critério, forem julgadas de maior interesse para a categoria.

Composto e Imprenso na Gráfica Editora Jornal do Comércio — Rua do Livramento, 189 — Tel.: 223-2613 — Rio de Janeiro.

Uma produção LIDE Editorial e Serviços Jornalísticos, Ltda. Rua Senador Soares, 18, Vila Isabel, CEP 20.541. Tel.: 208-5600. Rio de Janeiro.



## A CAMPANHA SALARIAL DE 79

Após algumas reuniões com o Sindicato Patronal chegou-se, finalmente, à solução jurídica do problema, com o consequente apresentamento da efetivação dos 12% de aumento conseguido pelo nosso Sindicato, com vigência por um ano, a partir de 01 de abril de 1979.

O novo requerimento entregue ao TST tem a seguinte redação: PROCESSO TST-DC-RIO N° 570/79.

Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro, tendo celebrado Convenção Coletiva de Trabalho com o Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino de 1º e 2º graus do Município do Rio de Janeiro, vem, com a concordância do Sindicato suscitado, em relação a este,

desistir do processo de Dissidio Coletivo em referência, requerendo a homologação da desistência. Rio, 04 e outubro de 1979.

O requerimento está assinado pelos Presidentes e Advogados dos respectivos Sindicatos.

Quanto ao texto original do acordo, publicado no último número da FOLHA DO PROFESSOR foram mantidas todas as cláusulas acordadas, modificando-se apenas a redação da DECIMA SEGUNDA, que ficou assim redigida: "No pagamento dos vencimentos correspondentes ao mês de setembro, os estabelecimentos de ensino descontarão do salário de todos os professores que o autorizarem, por escrito, a impor-

## DOCENTES DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO JACOBINA

Em assembléia realizada a 16 de julho próximo passado, os professores da Faculdade de Educação Jacobina decidiram fundar a sua associação de docentes. (ADJAC)

Os Profs. Sérgio Guerra Duarte e Paulo Saturnino Alves da Silva foram eleitos, respectivamente, Presidente e Vice-Presidente da ADJAC.

## FORTELEÇA SEU SINDICATO

### SINDICALIZE-SE

## "LER" DA DESCONTO

O Sindicato e a Livraria Ler — Livrarias Editoras Reunidas Ltda. — estabeleceram convênio beneficiando os associados com descontos de 20% sobre o preço de livros estrangeiros e 15%, sobre o de livros nacionais. Para ter direito a esses descontos, basta apresentar a carteira de sócio na Rua México, 31 — sobreloja.

## EXPEDIENTE DO SINDICATO

Diretoria  
de segunda a sexta-feira  
das 13 às 19 horas.

Secretaria  
de segunda a sexta-feira  
das 9 às 18 horas

Tesouraria  
de segunda a sexta-feira  
das 10 às 18 horas

ASSISTÊNCIA  
JURIDICA  
Homologação de rescisão de contrato de trabalho

segunda, quarta e  
sexta-feira, das  
14 às 17 horas.

TRABALHISTA

Dr. Fernando: se-  
gunda-feira, de 15 às  
17h; sexta-feira, de  
16:30 às 18h.

Dra. Leopoldina:  
segunda, terça e quarta-  
feira, de 16:30 às 18h.

Dra. Alice: quarta-  
feira, de 15 às 17h; quin-  
ta-feira, de 16:30 às 17h;  
sexta-feira, das 10 às  
12h.

SERVIÇO DENTÁRIO  
Dr. Jair  
segunda a sexta-feira,  
das 10 às 14 horas na  
sede do Sindicato

OBSERVAÇÃO:  
As mensalidades foram  
corrigidas a partir do mês  
de julho. Passando o  
trimestre de Cr\$ 81,00  
para Cr\$ 135,00.

# EDITORIAL

inalmente, foi homologado no TST, em 10 de maio, a desistência do Sindicato de dissídio coletivo, portanto praticamente realizado o acordo celebrado pelo nosso Sindicato e o Sindicato Patronal. O professor tem direito ao reajuste de sobre o salário de 1978, que ganhavam o piso, reajustes de até 83%.

No processo de luta envolvido, algumas lições bem melhor reflexão. Se mos para trás, veremos se não houvesse moção nenhuma mais recebemos do que 44%. Com a mentação e organização dos professores em torno das nossas reivindicações seguimos fazer com que os mesmos chegassem a uma proposta de 50%.

foi julgada inaceitável e da intransigência que deflagramos a greve. O julgamento favorável ao TST a encerramos. O Suspensivo decretado pelo presidente do TST reu a tática que seria empregada pelo Governo contra os trabalhadores. Diante da, o TRT julga favorável e seguida o TST nega todas as vantagens obtidas. Com isesvazia-se a greve desmobilizando-se os trabalhadores.

Em agosto voltamos a utilizar os professores no modo de pressionar os mesmos. O acordo estabelecido não foi o melhor, portanto o possível ao nível das forças no momento. O de 56% foi arrancado das discussões, pois a proposta patronal era de 54%.

Feito o acordo mais uma vez nos deparamos com dificuldades jurídicas para sua homologação. Passaram-se dois meses até conseguirmos. O reajuste que deveríamos receber em maio receberemos em outubro. Quem ganhou com essa protelação? É evidente que os patrões conseguiram uma certa vitória na medida em que ainda não nos pagaram, tendo, porém, já efetivado, há muito tempo, o repasse aos alunos.

Enquanto este dinheiro está rendendo juros, o nosso está sendo corroído pela inflação.

Entretanto os professores através da luta, estão percebendo claramente o que são os patrões e o que representa a justiça.

Aprendemos que só com mobilização e organização poderemos obter melhores condições de trabalho e salários.

É preciso ficar bem claro que os 56% que recebemos hoje se transformaram em torno de 30% devido à inflação.

Como resultado deste processo nosso sindicato cresceu. Triplicamos o número de associados, reativamos as comissões, porém avançamos pouco ainda em nossa organização.

Hoje ficam claros para a Diretoria alguns pontos que julgamos importantes. Em primeiro lugar a necessidade de comprometermos um grande número de professores com a vida do Sindicato. Isto se fará através das comissões, através do comprometimento

dos companheiros com uma campanha de sindicalização em suas escolas, com a criação de Delegacias Sindicais nas regiões mais afastadas e fundamentalmente organizando os professores em seus locais de trabalho. A realização da Semana do Professor, na qual participaram em suas atividades mais de 500 professores foi uma demonstração das nossas responsabilidades. A partir deste mês os professores, juntos com o Sindicato, têm uma tarefa a desempenhar — fiscalizar o cumprimento do Acordo Salarial. Toda vez que tivermos conhecimento de uma escola que não o esteja cumprindo, devemos imediatamente denunciar ao Sindicato.

A fiscalização do Acordo, a organização dentro das escolas, a Campanha de Sindicalização, e a participação nas atividades Sindicais colaborarão na construção da organização da categoria para a Campanha Salarial de 1980.

Os patrões desempenham seu papel, jogando para dividir os professores, tentando desmoralizar o Sindicato.

Nós responderemos com nossa organização e unidade. Devemos lutar em todos os momentos para fortalecer nosso Sindicato, principal instrumento para as nossas lutas. A tentativa de nos dividir acenaremos com uma unidade cada vez mais sólida. Nossa unidade e força serão demonstradas para aqueles que nos exploram na próxima Campanha Salarial, pois este ano aprendemos algumas lições ao nos levantarmos de um longo sono que durou mais de 10 anos.

# A QUEM APELAR?

José Monrevi Ribeiro

"A interferência do Estado nos conflitos entre o Capital e o Trabalho é um processo que se vinha delineando antes de 1930 mas que só a partir dessa data é que se configurará plenamente" (Leônio Rodrigues, *Conflito e sindicalismo no Brasil*, p. 157)

Depois de 1930, apesar dos reflexos da crise mundial de 1929, a conjuntura foi favorável ao crescimento industrial no Brasil e, consequentemente, ao crescimento da classe trabalhadora.

Mas, a organização trabalhista, regulada por uma série de normas legais rígidas, ficou atrelada ao Poder Público. E somente após a Segunda Guerra Mundial, com o desenvolvimento industrial da década de 50, o controle do Ministério do Trabalho sobre as organizações sindicais tornou-se menos rigoroso. Intensificou-se, então, o movimento sindical, porém ainda dentro da mesma estrutura existente desde o Estado Novo.

Entretanto, com o movimento militar de 1964, o Governo assumiu o controle das organizações sindicais e da classe operária. Eliminou de suas lides os mais importantes líderes sindicais e estabeleceu normas para o controle salarial, passando a classe operária a sofrer, o ônus pelo controle da inflação.

... "Para evitar o retorno à situação anterior, o governo em 1965 forçou o Congresso expurgado e submisso a estabelecer normas para os aumentos salariais." (K.P. Erickson, *Sindicalismo no processo político no Brasil*, p. 73)

A aplicação dessas normas... "não era nem tão constrangedora nem tão específica que assegurasse seu cumprimento pelos juízes do trabalho, que na maioria dos casos não desejavam ser cúmplices na exploração radical da

classe operária." (id., p. 74).

Considerando-se tais assertivas, pode-se compreender a quase frustração no caso das reivindicações dos professores da rede particular de ensino. A categoria profissional, através de seu Sindicato, emprenhou-se no sentido de obter melhores condições materiais de vida. Mas, os representantes patronais resistiram em firmar acordos aceitáveis pela categoria. E vieram as greves.

As questões foram levadas ao Tribunal Regional do Trabalho, resultando em algumas conquistas dos professores.

Não satisfeitos, recorreram das sentenças do TRT favoráveis aos empregados, o Governo e os empregadores. A demora de julgamento pelo Tribunal Superior do Trabalho, instância desarticulada, em concepções e leis, da realidade social do momento histórico, tem gerado dúvidas e contribuído para agravar a já precária situação do pessoal docente dos estabelecimentos particulares de ensino.

Os compromissos do Executivo, a impotência do Legislativo e a insensibilidade do Judiciário, em instância superior, são garantias do domínio da situação reinante, por parte da categoria econômica, influente setor da classe social dominante.

A categoria profissional, massacrado setor da classe trabalhadora, foi acossada em um beco sem saída.

A quem interessa essa situação? — Sem dúvida, não é aos professores. Mas, a quem recorrer? — Com certeza, à própria categoria, batendo-se pela unidade do professorado, por sua integração na luta maior pela mudança da estrutura social. Mudança somente possível a partir da inversão na correlação de forças das duas grandes classes fundamentais em pugna.

# A Unidade na Luta dos Professores

Francílio Paes Leme

O avanço da luta e organização dos trabalhadores últimos anos colocou, de forma concreta, a questão da democracia como conquista sólida ao povo e indispensável para determinar uma força qualitativa de sua

Por outro lado, o governo, expressão das interesses das classes dominantes, se obrigado a mudar seu portamento. A "abertura democrática" é colocada em

anistia parcial, enquanto também, nos cárceres, pesquisas levaram suas contra a violência

contra a violência. Ao mesmo tempo, de reinternação dos presos pelos atos de arbitrio das antigas funções profissionais.

Companheiros exilados voltaram ao país. Entretanto, os sindicais são presos e entidades colocadas sob vigilância. O Universal

reito de greve não é respeitado e os trabalhadores são violentamente reprimidos.

Agora, sob pretexto de aumentar o rendimento dos trabalhadores, um projeto de reajuste salarial semestral é encaminhado ao Congresso.

Mas seu resultado real é retirar o poder de negociação dos trabalhadores, através de suas entidades sindicais, enquanto mantém intocados os lucros das empresas.

Os estudantes, na reconstrução de sua entidade nacional — a UNE —, são proibidos de se organizarem livremente por um decreto repudiado não apenas pelos próprios estudantes que prestigiaram a reorganização de sua representação nacional, como pelo conjunto da sociedade.

Ao acenar com a reformulação partidária, permitindo plenamente, o pluriparti-

tidarismo, quer o governo dividir a oposição, desmatelando o MDB, para não ser obrigado a ver, mais uma vez, o povo brasileiro repudiá-lo nas urnas. Ao mesmo tempo, impede que todas as correntes de opinião tenham possibilidades de se organizarem em partidos políticos.

Dante desse quadro, cabe às forças democráticas aprofundar sua unidade na luta pela democracia. Nós professores, acumulamos farta experiência, a partir das greves do SENAI e da rede particular, lideradas por nosso Sindicato, e dos professores públicos, lideradas pelo CEP.

A unidade da categoria, que vem sendo construída através da luta por melhores condições de ensino, ainda está longe de ser uma realidade. É preciso muito esforço e tenacidade para conseguirmos encaminhamentos que sejam assumidos pelo conjunto da categoria.

Hoje, estamos divididos em professores públicos e da rede privada, uma divisão patrocinada pelo sistema. Sabem eles, os que nos exploram, que de nossa união resultaria uma força muito grande.

No momento, enquanto persiste a proibição dos professores públicos de se sindicalizarem, o CEP preenche um vácuo, e seu papel estará correto na medida em que se constitua numa associação de professores públicos que levante, junto com o Sindicato, a bandeira do direito de toda a categoria se sindicalizar, sem discriminações.

Sim, porque se não encararmos a atual divisão da categoria como um obstáculo a ser superado para que os professores, como um todo, encarem suas lutas, através de uma única entidade de classe, estaremos andando pouco em direção à verdadeira entidade.

A luta pelo direito à sindicalização coloca-se, desde agora, como uma missão para todos aqueles que entendem a atual divisão da categoria como uma coisa que interessa apenas aos que nos exploram.

Qualquer entidade que tenha como proposta constituir-se num Sindicato paralelo estará fazendo o jogo da divisão e, portanto, prestando um serviço à causa dos trabalhadores na luta contra a exploração.

A busca da unidade passará por muitos momentos difíceis. Porém, há de se ressaltar que um grande passo foi dado quando retomamos a perspectiva de luta pelos nossos direitos. As greves deste ano mostram isso claramente.

A unidade pode não estar nas cabeças de determinadas lideranças. Mas o que importa é que ela está na consciência da categoria e por ela será construída.

# A Violência das Demissões-II

GUSTAVO KRAUSE

"Com as nossas armas de educadores e pensadores, basicamente a palavra e a verdade, acompanhadas de ações coerentes com elas (como, por exemplo, não aceitar ocupar lugar de professores demitidos por ato arbitrário), devemos fazer frente à violência para interromper o seu ciclo. Se

assim não fizermos por medo de sermos talvez nós os demitidos, estaremos nos rendendo. E a rendição nos enfraquece como pessoas e como profissionais, tornando mais viável outras violências, ao bel-prazer dos que se fantasiam de educadores." (FOLHA DO PROFESSOR nº 82, P. 7).

O Departamento Jurídico do Sindicato nos apresentou o quadro comparativo a respeito das homologações das rescisões de contratos de trabalho feitas na sua sede, nos períodos de janeiro a agosto de 1978 e de 1979. (Ver tabela)

Ao analisarmos o quadro, não devemos considerá-lo absoluto. Aí se representam não todas as demissões ocorridas no município, mas sim as homologações das rescisões que passaram pelo Sindicato. No entanto, dentro desse campo de observação que se nos oferece, temos a possibilidade de comparar e de refletir acerca da diferença demonstrada.

## O medo foi muito invocado para explicar a lentidão de nossa luta

Se no período de janeiro a março ocorre ligeiro aumento dessas homologações, de um ano para o outro, já no período de abril a agosto há expressiva diminuição de um ano para o outro — menos 199, exatamente. E o resultado final nos demonstra uma redução de 174 homologações, de 1978 para 1979.

O medo — este atributo bem natural da gente — foi um dos empecilhos mais invocados para explicar o atraso ou a lentidão do movimento nosso de reivindicação. Medo

principalmente das demissões, da violência que as acompanha: perder o emprego quase equivale a perder a identidade profissional (quase, porque a maioria dos professores tem bem mais de um emprego só). Ora, o quadro acima pode servir para demonstrar como o movimento coletivo de uma categoria que comece a se unir não é o principal responsável pelas demissões ocorridas — ou melhor, pode até ser o responsável pela redução das demissões, se percebermos que elas começaram a diminuir a partir de abril de 1979, ou seja, a partir da deflagração da greve do 1º e do 2º graus.

### OBJEÇÕES

Naturalmente, podem-se fazer algumas objeções pertinentes. A primeira, que as homologações feitas no Sindicato talvez não refletem o real quadro das demissões no município. A segunda, que a maioria das demissões da zona rural, principalmente Campo Grande, Santa Cruz e adjacências, não passe pela sede do Sindicato; e que elas aumentaram, a partir da greve.

Quanto à primeira, eu responderia que temos, através do quadro, um parâmetro reduzido da situação real. Parâmetro este que se pode tornar bem mais expressivo e representativo, se lembarmos que a atual Diretoria foi eleita em 1978 com 600 associados, e que há hoje cerca de 4000 sindicalizados. E professor sindicalizado tende a procurar

principalmente a sua entidade, para receber o apoio jurídico a que tem direito. A grande diferença, então, entre o número de associados de 1978 e de 1979 — cerca de 3400 professores — pode refletir também um grande aumento de procura do Sindicato pelos professores demitidos. Havia esse aumento de procura, correspondente a um quadro estatístico que demonstra redução das homologações,

para os professores; de se encontrarem, discutirem e se organizarem. Se não se organizarem em bloco, permite-se a fácil identificação daqueles mais conscientizados, em palavra e atitude. E, portanto, fácil demissão.

Melhor dizendo: não é o movimento coletivo de uma categoria que provoca as demissões, porque elas são o cutelo permanente do patrão, o seu instrumento de arbitragem, pelo sofisma legalidade, perdemos boa parte da direção do nosso destino, entregando-o à "Lei". Encaramos nós a "Lei" como um ente abstrato, alheio a jogo de forças, "puro", "junto", sem perceber sua óbvia dimensão de classe. Um "Lei" que autoriza o repres-

### QUADRO DAS DEMISSÕES

MESES	1978	1979
Janeiro a Março	603	628
Abril a Agosto	753	554
TOTAL	1.356	1.182

talvez o quadro possa ser muito mais representativo da força de um movimento da categoria — talvez, objetivamente, haja muito menos demissões do que no ano passado e do que o quadro possa nos fazer ver.

Quanto à segunda objeção, ela está baseada no testemunho das pessoas que batalharam por aquelas áreas, já que não há possibilidades agora de se fazer um levantamento estatístico. Acreditamos nele, os argumentos anteriores também reforçam. A zona rural primou, durante a greve, pela violenta escalada de repressão aos piquetes, contando com o veloz e

trariedade, a arma de que lançarão mão sempre que acharem por bem demonstrar força, e sempre que tiverem condições para tal. O movimento coletivo de uma categoria é que tem o poder de segurar (ou não) os companheiros nos seus locais de trabalho. A união de todos relativiza o medo individual, colocando-o dentro de uma perspectiva de vida melhor, em que as pessoas não sofrem sozinhas e tanto os caprichos e a ganância dos poderosos. A união de todos transporta o nosso medo submisso para os gabinetes dos patrões, ameaçados de não mais nos manipularem como máquinas repetidoras de fórmulas e engolidoras de giz.

É verdade que, a par as estatísticas, todos conhecemos casos concretos e nomeados de amigos que perderam seus empregos recentemente, por terem se posicionado com maior firmeza. E, mesmo que as estatísticas atestem a redução das demissões, sói do mesmo jeito. No entanto, dentro da dor é preciso ter claro: talvez tenham perdido seus empregos porque o conjunto — nós — não se posicionara tão firmemente quanto eles. Se lembarmos que, uma semana após a greve, o colégio Hélio Alonso — Botafogo demitiu quatro de seus professores, os quais foram reconduzidos aos seus cargos graças à greve conjunta de alunos e dos outros professores, veremos então o que é possível a força clara do conjunto sobre a ar-

### A união de todos relativiza o medo e o transfere para os patrões

prestimoso auxílio da "nossa" polícia, muito prestativa quando se trata de prender professores perigosamente armados das suas palavras e das suas verdades. Houve muita dificuldade para o contato com os professores das escolas, dirigidas por figuras especial e tristemente folclóricas, como o Luiz Carlos Cruz do Itu, o Nelson do Operon, e o próprio Newton Santiago. Esta dificuldade reflete uma outra ainda maior

bitariedade e a prepotência alguns poucos.

### O MOVIMENTO

Toda esta avaliação não pretende ocultar o fato de que o movimento não está especialmente bem. No momento de serem redigidas estas linhas, não receberão um tostão do acordo, do acordo possível mas nada satisfatório. Depois que entramos na legalidade, perdemos boa parte da direção do nosso destino, entregando-o à "Lei". Encaramos nós a "Lei" como um ente abstrato, alheio a jogo de forças, "puro", "junto", sem perceber sua óbvia dimensão de classe. Um "Lei" que autoriza o repres-

### Sim, o movimento dos professores não está bem. Mas é movimento

para os patrões em 48 horas mas que tem quinhentos meandros burocráticos para se homologar um acordo direto entre Sindicatos.

Sim, o movimento dos professores não está especialmente bem. Mas pelo menos é movimento. Melhor do que a inércia vegetal em que estávamos mergulhados. Presuposto de um futuro de menos medo, de mais vozes de maior dignidade e de melhor educação.

Se há agora 4000 sindicalizados, é certo que a categoria tem mais de 20.000 professores, do 1º e 2º grau da rede particular do município do Rio de Janeiro. Nossa Sindicato ainda é fraco. Tem como ser forte.

Hoje, nos assustamos com as demissões que vemos. Ontem, não nos assustávamos sequer quando éramos nós os demitidos. Parecia natural sermos desvalorizados, humilhados, desconsiderados. Amanhã, temos de ir além dos sustos, para além do medo. Temos de agir consequente, firme, coletivamente a respeito. Se não por nós pelo menos em nome da nossa crença na educação — a qual transforma indivíduos em sociedade.

## RELATÓRIO DE DENÚNCIAS

Professores de diversos estabelecimentos de ensino do Rio de Janeiro enviaram ao Departamento Jurídico do Sindicato dos Professores uma série de denúncias sobre irregularidades encontradas nestes estabelecimentos. Neste número da FOLHA continuamos a publicação do relatório de denúncias que prosseguirá nos próximos números.

### FUNDACAO TÉCNICO EDUCACIONAL SOUZA MARQUES

Rua Ermanni Cardoso, 335

### CASCADURA

• Não deposita os salários nas épocas próprias.

### SOCIEDADE EDUCACIONAL INSTITUTO MARQUES

Av. Monsenhor Félix, 1010

### IRAJA

- Não deposita os salários nas épocas próprias;

• Não assina nem atualiza carteira;

• Não efetua os depósitos na conta vinculada ao FGTS;

• Não faz cadastramento no PIS.

### COLEGIO N. S. DA PIEDADE

Largo do Encantado

• Não deposita salários nas épocas próprias;

- Não assina nem atualiza carteiras nas épocas próprias.

### COLEGIO CUNHA MELLO

Rua Dona Januária, 23

### SANTA CRUZ

• Não assina carteira.

### LICEU DE ARTES E OFÍCIOS

Rua Frederico Silva, 86

### CENTRO

• Diminuição de carga horária.

Você quer  
Receber Nossa  
Jornal Em Casa?



Então manda-nos o seu nome, endereço e profissão.

NOME: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ ESTADO: \_\_\_\_\_

CIDADE: \_\_\_\_\_

PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

# QUADRO NEGRO



## Projeto Jari

O Deputado Modesto da Silveira, perante o Simpósio sobre a Amazônia da Câmara federal, informou que esteve em visita ao Projeto Jari dirigindo-se logo após à Suíça para investigar as atividades do Sr. Daniel Ludwig. Obteve importantes documentos que colocou "em lugar seguro". Tais documentos provam, entre outras coisas, que o vice-presidente do grupo, Sr. Francisco Andrade, "mentiu frente ao Congresso Nacional".

Continuando, disse Modesto da Silveira: "Se algo me acontecer, se eu sofrer algum acidente, as coisas contínuarão depois de mim". Sem antecipar as provas, prometeu apresentá-las em ocasião oportuna. Denunciou ainda que vastos lagos de resíduos de caolim estão devastando a floresta.

## Opiniões do Ministro

O Ministro da Educação, durante sua visita à Universidade MacKenzie em São Paulo, afirmou que o sistema de ensino no Brasil chegou a um impasse salarial tão acentuado que todos os projetos no plano técnico só terão sentido e desenvolvimento adequado se se conseguir sair do impasse". Disse, ainda, o Prof. Eduardo Portela que "a valorização dos professores deve ser feita através da dignificação salarial" mas que, também nesta área, chegou-se a um impasse, voltando a reclamar a necessidade de recursos extra-orçamentários de Cr\$ 7 bilhões, ainda este ano, para o MEC.

Sobre a anistia, disse o Ministro que os anistiados na área do MEC não encontrarão qualquer obstáculo à sua reintegração. Informou que ainda em setembro receberia um encontro do Ministério da Justiça para tratar de um comportamento uniforme em todo o país sobre a reintegração dos anistiados.

## Saudades do AI-5

No último dia 3, em Recife, foi submetido à votação na Assembleia Legislativa um requerimento do Deputado do MDB, Assis Pedrosa, solicitando que o general Figueiredo facilitasse a legalização de todas as legendas extintas, inclusive a do PCB.

O deputado Newton Carneiro, também do MDB, manifestou sua desaprovação: "sugiro ao sr. Assis Pedrosa que retire esse requerimento da pauta, para não prejudicar nem a si próprio nem a seus colegas, pois, todos os que votarem a seu favor poderão perder os seus mandatos". Tal ameaça persistiu na cabeça de alguns parlamentares até o momento em que o presidente do Tribunal Regional Eleitoral, desembargador Augusto Duque, encerrasse a polêmica tranquilizando os sete que votaram a favor da legalidade do PCB: "O Tribunal Regional Eleitoral não cassa ninguém, termina sua função no ato de diplomação dos parlamentares... mesmo porque esse tempo de cassações já passou, pois o AI-5 não existe mais."

## Democracia Lacerdista

Comentando a designação, pelo atual Governador, de uma Comissão Especial para apreciar os requerimentos dos funcionários punidos por Atos Institucionais e agora anistiados, declarou o Jornal do Brasil de 8/9: "O AI-1, que chegou a ser aplicado pelos governadores, teve em Carlos Lacerda o seu recordista absoluto. O líder udenista do Rio foi o responsável por cerca de 400 das 600 punições de servidores que o governo do novo Estado do Rio terá agora de rever, numa sequência de atos de demissão ou aposentadoria que atingiu, indistintamente, a magistrados, professores, mecânicos, motoristas e trabalhadores braçais".

## Um Cavalo de Presente

Num telegrama de Brasília, a Nação foi informada: "O presidente João Figueiredo receberá hoje à tarde, no 1º Regimento de Cavalaria de Guardas, um cavalo alazão puro-sangue inglês, de seis anos de idade e 1,68m de altura, que lhe foi enviado como presente pelo general Augusto Pinochet, Chefe do Governo do Chile." Comentando a importante notícia, ficamos sabendo ainda que o cavalo, que se encontra há dias no 1º RCG, é iniciado em saltos e está sendo tratado por pessoal chileno.

## Sobral e os Generais

**Porto Alegre** — "O grande perigo para a nação de um retrocesso político é o fato de o Presidente da República ser um general estar lá sem ter sido levado pelo voto livre e direto, e podendo dispor de um elemento de força, o Exército, para instaurar um novo ato institucional", afirmou o jurista Sobral Pinto, que veio receber uma homenagem da OAB gaúcha por sua atuação profissional.

Para ele, "lugar de general é nos comandos das Forças Armadas e, positivamente, não na Presidência da República. Hoje, os políticos têm condições de reformar a Constituição, instituindo o voto direto em todos os níveis e proibindo os generais de ser Presidentes. Esta é a ocasião de fazerem isso, para se verificar se o propósito dos militares é mesmo restaurar a democracia".

## Lula vaiado

Ao falar num ato público em São Paulo, perante cerca de quatro mil bancários grevistas, Lula recebeu uma pequena vaia. Prosseguindo no seu pronunciamento ele afirmou: "Este pessoal que me vaiou estava com sede de vaia e eu sabia que isto ia acontecer mais dia menos dia; o importante é que eles façam isto agora e amanhã se conscientizem de que atitudes impensadas não vão ajudar à classe trabalhadora." Desaconselhou uma passeata porque "se o trabalhador quer fazer greve não necessita de passeata, principalmente do jeito que está a repressão. Eles (referia-se aos jovens da organização Liberdade e Luta - LIBELU) depois de fazerem sua passeata vão dormir numa bela cama enquanto o trabalhador dorme no chão". E continuou: "Existem estudantes consequentes e as eleições nas universidades provaram isto, porque a Libelu perdeu em todas elas. Em Porto Alegre, mesmo sem Olívio Dutra, que está preso, a Libelu não conseguiu falar na assembleia dos bancários porque 8 mil trabalhadores os vaiaram sem parar. O trabalhador saberá repudiar quem tenta manipulá-los para seus interesses."

## Ano da Criança

**Wiesbaden** (Alemanha Ocidental) — O cardeal Paulo Evaristo Arns chamou a atenção dos alemães — numa entrevista pela televisão — para o destino das crianças desaparecidas na América Latina por causas políticas. Arns denunciou que mais de 100 crianças sumiram após a prisão de seus pais.

"Primeiro não podíamos acreditar nisto — frisou o D. Paulo — mas depois abrimos os olhos; a polícia do Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai trabalham em colaboração. É a multinacional da repressão. Vivemos vários casos, mesmo no Brasil, que agora parecem totalmente claros: Alguém é detido no Uruguai e seus filhos aparecem numa rua da Argentina ou Chile". (Jornal do Brasil, 19/9).

## Mortalidade

Deu no "Informe JB": a cada minuto que passa, uma criança brasileira morre de fome.

Atenção professores de matemática! Exercício para os sobreviventes que estudam nas primeiras séries do 1º grau: quantas crianças brasileiras morrem de fome por dia? E por mês? E por ano?

Para poupar trabalho aos colegas, afião as respostas: 1440 por dia, 43.200 por mês, 518.400 por ano. SÓ DE FOME!

## "Abertura" em El Salvador

Depois de 47 anos de poder militar em El Salvador, um novo golpe abalou o país: só que, mais uma vez, as Forças Armadas continuaram no poder. Desta vez, o general Carlos Humberto Romero foi substituído por um grupo de militares jovens que prometem restaurar a ordem constitucional, acabar com a corrupção e estabelecer as bases para uma "democracia real".

Ainda é cedo para saber o que este grupo entende por democracia real. O golpe ocorreu no dia 16, num momento de grande inquietação social. Dias antes da deposição de Romero, um estudante de Medicina foi assassinado por franco-atiradores governistas e observadores afirmavam que El Salvador poderia ser palco de uma insurreição popular semelhante à da vizinha Nicarágua.

Há alguns meses também se afirmou que o general Romero estava sendo pressionado pelos Estados Unidos a promover uma série de reformas capazes de provar ao mundo sua intenção democrática. Aparentemente, porém, Romero não assimilou bem as lições do Departamento de Estado. Difícil de assimilar, aliás, num país de 4,5 milhões de habitantes em que quase não há classe média e que vive de uma economia agrícola cem por cento dependente das multinacionais.

## Fome Produz Analfabetos

O Brasil tem 30 milhões de pessoas pobres, e quase a metade delas nem tem certidão de nascimento, a subnutrição é a principal responsável pelos 47% de reprovação na primeira série do 1º grau, bloqueando o estudo de 8 milhões de crianças: as repetentes e as que passam a ter dificuldades em vagas.

Tais denúncias foram feitas durante o 1º Encontro de Secretários de Estado da Área Social, encerrado a 14 de setembro em Brasília, pela Presidente da Legião Brasileira de Assistência, Léa Leal. A LBA defendeu a transformação das escolas de 1º grau em núcleos comunitários básicos, com a instalação de creches durante o dia e de cursos profissionalizantes à noite.

## Fora do Sistema

"As estatísticas oficiais do MEC mostram que, no Rio, 464.384 crianças estão fora do sistema escolar, sendo que 367.928 vivem na Região Metropolitana. Pelas informações do IBGE, em 1976 o Rio tinha 939.449 analfabetos maiores de 14 anos". (J. do Brasil, 15/9/79).

# NA SEMANA DO PROFESSOR



Em praça pública, os professores exigem melhores condições de trabalho, maiores salários e mostram sua unidade na luta.

## O ATO PÚBLICO: NOSSA UNIDADE

"Professores em Luta". A primeira das muitas faixas, levadas por representantes do Sindicato do CEP, da UNE e da UEE, resume o que foi o ato público do Dia do Professor: uma demonstração pública da continuidade da nossa luta, da unidade da categoria e do apoio dos estudantes às nossas reivindicações.

Da Cinelândia — onde a primeira a chegar foi a represão, com dois carros da Policia Civil e da PM, que se limitou a observar — a caminhada seguiu para a Avenida 13 de Maio, passou pela Rio Branco; Araújo Porto Alegre e parou no pátio do Ministério da Educação. Nas ruas, nas portas dos bancos, nos bares, as pessoas pararam para ouvir a nossa voz. "Cep e Sindicato unidos neste ato"; "Abaixo o ensino pago"; "Professor unido jamais será vencido"; "Abaixo a embromação, dinheiro em nossa mão"; "O Sindicato somos nós, o Sindicato é nossa voz"; "Abaixo a intervenção, o CEP em nossa mão" — foram apenas algumas das palavras de ordem levantadas durante todo o percurso da passeata.

No MEC, Ricardo Marques Coelho, diretor do Sindicato, foi o primeiro a falar: "Hoje, dia 15, dia dos professores, é muito importante ver que a situação já mudou. Nos outros anos, nada havia. Hoje não é um dia apenas de festa, mas também um dia de luta. Os professores demonstraram que não são mais aqueles carneirinhos que a imprensa, os patrões e o governo apresentavam que fossem. Demonstraram que não estão mais dispostos a aceitar esta situação de péssimas condições de trabalho e salários miseráveis, de escolas autoritárias. Os

dias, maiores salários, ensino democrático. O ano de 1979 foi um ano de lutas, mas apenas demos o primeiro passo. Fortalecendo nossas entidades, organizando nossas escolas e faculdades, vamos levar adiante um movimento que obrigue os patrões e o governo a pagar o prometido e não cumprido. Um movimento que mostre a unidade dos professores na luta por melhores dias, na luta contra a ditadura".

A representante da UNE, Kika Alves de Souza, e o representante da UEE, Luiz Mariano Paes de Carvalho, lembraram o apoio dos estudantes à causa dos professores e se comprometeram a levar, para dentro das salas de aula, o debate sobre melhores condições de ensino, melhores condições de trabalho para os professores, além de manter sua luta contra o ensino pago e as escolas antidemocráticas.

Godofredo Silva Pinto, do CEP, ressaltou a unidade entre sua entidade e o Sindicato, e anunciou as próximas eleições para diretoria como mais uma oportunidade da categoria demonstrar seu repúdio à intervenção: "Queira o governo que exista a UNE ou não, queira o governo que exista o CEP ou não, o máximo que ele pode fazer é cassar os seus registros. Mas nunca poderá cassá-las onde elas são mais importantes — no coração e na mente de cada professor e cada aluno."

Ao final, todos se comprometeram a continuar a mobilização dos companheiros para que os próximos atos contem com um maior número de participantes. Também ficou acertado a continua-

Na Semana do Professor promovida por nosso Sindicato, alguns aspectos merecem ser analisados com maior destaque, por terem permitido a ampliação de uma discussão que muito interessa à categoria. Tivemos uma programação iniciada com os debates sobre "Educação e Ensino Privado", "Carências no Processo Educacional" e "Panorama do Ensino da História no Brasil", onde se chegou a um denominador comum quanto à ineficácia da educação brasileira e o desligamento da escola atual das aspirações de todo os envolvidos no processo educacional: "temos o fracasso da educação no Brasil porque se conjugou escola pública e privada para deseducar — no primário, uma escola elitista; nos cursos médios, uma es-

cola deteriorada, e, ao nível universitário, uma escola mercantilista", foram as palavras de Darcy Ribeiro, que considerou, também, o fato da educação manter-se ligada à filosofia escravagista, marginalizando o povo.

Dentro das carências do processo educacional, debate-se não somente as de ordem físicas — como saúde, alimentação e higiene —, mas uma outra questão fundamental, que é fato de importarmos um padrão de educação e, portanto, um padrão do educando. Mas, como este não corresponde à realidade do nosso educando, a imposição de uma escola desligada do seu mundo diário, da sua linguagem, do seu contexto, sócio-econômico,

provoca uma distorção maior, ou seja, o desente entre o que educando e o que lhe é dentro da escola.

No panorama da História no Brasil, existe a necessidade de rehistória brasileira, que paga, racista e discriminatória, neste agravou-se mais com o de 64, e, especificamente,

Por isso, certos de tornam da maior imprensa devem ser levados a escola, cada setor da brasileiro, pois a nós também por melhores condições de ensino. É um processo amplo e diariamente, pro-

## CIDADE DE DEUS VOLTA ÀS AULAS

Exatamente na Semana do Professor, uma comemoração estranha e não-programada acontecia. Professores saudavam, com bolo, velinhas e tudo mais, a chegada da polícia. Era dia de festa na Cidade de Deus, onde as aulas haviam sido interrompidas durante vários dias, pela completa falta de segurança para professores e alunos. O funcionamento normal das escolas foi impedido por tiroteios entre os diversos grupos armados que disputavam o controle da área — um "gueto" para onde foram transferidos moradores de várias favelas que "atrapalhavam a beleza" da Zona Sul da cidade.

A Cidade de Deus, formada por conjuntos habitacionais precários, sem as mínimas condições de saúde e higiene para seus habitantes, vive um clima de guerra: este ano, 34 assassinatos. Ab-

solutamente impossibilitados de continuar trabalhando, os professores pararam. Só depois de diversas notícias na imprensa, foram tomadas as providências. E a determinação de rondas de dois policiais nas proximidades de cada escola, durante o período das aulas, foi um "presente de Dia dos Mestres", suficiente para valer a volta às aulas e até a comemoração desses companheiros tão próximos — afinal lecionam aqui mesmo, na "Cidade Maravilhosa" — e, ao mesmo tempo, tão distantes. Companheiros que, dificilmente, terão oportunidade de participar dos debates sobre as mais modernas técnicas de educação. Companheiros que, provavelmente, também não tiveram tempo para viver as comemorações programadas pelo nosso Sindicato para a Semana do Professor.



Na mesa redonda sobre

## NOS A CON HORA

Durante os primeiros dias da Semana do Professor, tivemos, através de reuniões redondas, oportunidade de rediscutir assuntos para o exercício da profissão: a questão do ensino pago, com a participação do ex-ministro da Educação, Darcy Ribeiro; as carências do processo educacional, a presença dos companheiros médicos, e o ensino da história no Brasil. O alto comparecimento, no auditório do Sindicato, permitiu um aprofundado sobre questões e uma conscientização que preciso repensar e modificar os critérios de carência e precisão de reestruturar o



# OR, A LUTA CONTINUA

país. Devemos, entar uma prática oário com nossos dentro de uma visão realidade, onde somos agentes da

minhada pela educação reunindo entidades de professores as áreas e entidades mostras que dois devem ser considerados: a educação é um amplo, onde são interessados, o que agentes ativos, com de transformar a 2º - há poucação da categoria. Isto significa que os professores desinteressados própria problemática, é insuficientemente

É necessário que superemos a desinformação. O Sindicato somos nós e seu fortalecimento só é possível com a presença de cada professor dentro dele, unidos na luta não só por melhores condições salariais e de ensino, mas por uma educação que atenda à realidade da nossa sociedade.

Somos uma categoria de mais de 20 mil professores dentro do Sindicato. Temos ainda o CEP, entidade cassada pelo arbítrio, onde mais de 100 mil professores estão representados. Somos uma força em número e exercemos uma função transformadora na sociedade. Mas somos fortes quando unidos. Nossa luta é única.

Ana Morena

mesa, o fato de que o ensino brasileiro está baseado na escola privada, quando a escola pública, com o ensino gratuito, é que deveria ser o sustentáculo e base de qualquer projeto educacional, sem transferir para o aluno um ônus que deve ser do Estado. Por isso foi denunciada "uma política de governo que relega a educação do povo a um plano secundário, para manter um status de dominação".

#### CARÊNCIAS

Na mesa redonda sobre Carências no Processo Educacional, os companheiros médicos e psicólogos Miguel Melzak, Célio Assis do Carmo, Jairo Coutinho França e Zaiá Brandão, num debate coordenado pela diretora do Sindicato Ana Maria Szapiro, apontaram uma deturpação em nosso modo de encarar o aluno, estabelecendo um padrão de educando ideal completamente alheio às condições de vida de nosso povo.

Assim, ao trabalhar com formas de educação importadas, sem qualquer relação com nossa realidade, passamos a tentar enquadrar o aluno dentro dessas normas e não a enquadrar as normas a

A Semana do Professor, ainda que mobilizando irregularmente a categoria, serviu para levantar alguns dos muitos problemas que temos enfrentado. E a questão da mobilização foi, precisamente, um desses pontos, tornando clara a necessidade de uma presença mais efetiva do nosso Sindicato em cada núcleo que reúna professores.

Torna-se imprescindível que o Sindicato se faça sentir no dia-a-dia de cada sala de aula, de cada gabinete, de cada centro de professores. A consciência desta necessidade existe hoje não só dentro do próprio Sindicato como na categoria. Só uma mobilização permanente, diária, dos professores irá fortalecer a nossa luta.



No Clube de Engenharia, todos se comprometeram a continuar a luta pela anistia ampla, geral e irrestrita.

## CASSADOS TÊM QUE VOLTAR JÁ

O Sindicato dos Professores, na voz de seu atual presidente e de ex-presidentes, resolveu continuar a luta pela anistia até que o último preso político seja solto e o último exilado possa voltar livremente ao Brasil. Um dos que levantaram essa bandeira foi o prof. Bayard Demaria Boiteux, ex-presidente do órgão de classe. Ele e mais dois outros ex-presidentes - Hélio Marques da Silva e Carlos da Silva Teixeira - estiveram presentes à homenagem que o Sindicato prestou aos professores atingidos pelos atos de excessão nos últimos 15 anos. E foram também homenageados, como vítimas desses mesmos atos ditoriais.

A esta cerimônia, realizamos no auditório do Clube de Engenharia, no último dia 15, compareceram diversos educadores punidos pelos atos institucionais, além de três ex-presidentes. Foram anotadas as presenças dos professores Alberto Latorre de Faria (aposentado pelo Ato Institucional nº 5, em 1969); Célia Neves Dourado (suspensa de atividades pelo Ato Institucional nº 5, em 1964); Edson José de Souza (condenado a 2 anos e meio prisão pela Justiça Militar); Maria de Cerqueira e Silva (aposentada do Colégio de Aplicação, presa e processada pela Lei de Segurança Nacional); Moema Toscano (aposentada pelo Ato Institucional nº 5, em abril de 1969); Robespierre Martins Teixeira (demitido do ensino oficial pelo Ato Institucional nº 5); Rubim Santos Leão de Aquino (preso e processado em 1973, absolvido em 1978); e Waldir Duarte (atual diretor

oficial pelo ATO Institucional nº 5).

Os três ex-presidentes presentes à cerimônia, o atual presidente, José Monrevi Ribeiro, o vice-presidente, Jorge Luiz Souza e Silva, e a primeira-secretária, Ana Maria Szapiro, compuseram a mesa diretora dos trabalhos, que facultou a palavra ao plenário.

Foi quando o profº Robespierre Martins Teixeira, um dos punidos pela legislação de excessão, sugeriu que a luta dos anistiados prosseguisse também no campo do resarcimento das remunerações suspensas na área do ensino oficial, aos que foram afastados pelos atos de excessão.

Antes, emocionado e falando por todos que foram punidos pelos Atos Institucionais e Lei de Segurança Nacional, o profº Bayard Demaria Boiteux, que passou nove anos no exílio, disse estar de volta ao Brasil para, "ombro a ombro com meu povo, lutar por uma anistia ampla e irrestrita, anistia que nunca foi um favor do Governo, mas sim pressão dos trabalhadores, camponeses e estudantes".

O profº Waldir Duarte também prestou seu depoimento lembrando que, após ser atingido pelo Ato Institucional nº 1, ele e outros companheiros foram punidos por uma portaria do então secretário da Educação, que os considerou moralmente incapazes de exercer o magistério.

Ainda durante a cerimônia, a mesa diretora dos trabalhos leu o nome de professores mortos e desaparecidos nas malhas da repressão.

22% DOS  
ESCOLARES  
BRASILEIROS  
ESTÃO  
ANÉMICOS!

ZERO EM  
VITAMINA C...  
ZERO EM  
VITAMINA D...  
ZERO EM  
VITAMINA A...



desta FOLHA DO PROFESSOR, demitido do ensino

# PAULO FREIRE E A NOSSA SALA DE AULA

Gustavo Krause

Para o aluno, o professor é o veículo da instituição-escola, por sua vez veículo das outras instituições, inclusive da família ('segundo lar', não?). Ou seja, ele é a instituição personificada. Como a instituição é autoritária, o professor também é autoritário. O professor que entra em sala e 'mostra', com o seu discurso, que não é autoritário, que é a favor do diálogo, que não é dono da verdade, está escamoteando o caráter autoritário do seu papel. Porque algumas questões não podem ser objeto desse diálogo, a priori: como o tempo da aula, a sequência das aulas; a carga horária-avaliação a que, por mais 'moderno' e 'liberal' que seja, o sistema, não deixa de ser um domínio do professor acima dos alunos, ou melhor, por sobre os alunos. É a maior 'verdade' que o professor detém: o fato de ele ser competente e onisciente para julgar e classificar um monte de gente, enquanto os alunos não possuem a con-

O artigo "Educar = Transformar", da professora Eliene B. Zlatkin, no número 82, levantou questões importantes. Mostrou, pelo título, sua própria opção, embora tenha demonstrado pelo texto que a educação contemporânea mais se iguala a "Adaptar" do que a "Transformar". Aquelas questões se inserem no momento atual, quando retorna ao Brasil, após muitos anos de exílio, o professor Paulo Freire, conhecido internacionalmente como um dos maiores nomes da Pedagogia atual, e desconhecido nacionalmente pela maioria dos

professores (que, é bem verdade, leram muitos trechos de Rogers Skinner, Bloom, Piaget etc.). Por isso, a partir do artigo e das idéias de Paulo Freire, gostaria de tentar relacioná-las com a prática. Por exemplo: quando o artigo diz que uma aula deve deixar de ser uma atividade passiva para ser um encontro "onde se pratica o diálogo, no qual o professor não se julga possuidor do saber e o aluno não se considera nem é considerado o ignorante absoluto", eu diria que se está escamoteando alguns fatos que tornam irreal esta pretensão.

cânica — quando a sociedade é transformada radicalmente também." (2)

## É PRECISO REABILITAR SALA DOS PROFESSORES

No momento em que concorda com as demais afirmações acima, o que resta ao professor? Bem, além de compreender nossas contradições e de não escamoteá-las perante os alunos, creio que resta sobre um grande trabalho político e educativo de transformação, já dentro da sala dos professores (e não da sala de aula). Muitos dos professores "liberais" preferem ficar no pátio, conversando a

sé dirigida. E que portanto não deveriam agüentar, para não escamotear a verdade.

O papel do professor é autoritário, e portanto todo professor também é. O aluno sabe disso. Tanto, que fica mais atento ao professor "liberal", procurando perceber a mínima contradição para denunciá-lo. Atenção está que não usa com o outro, claramente repressivo, porque deste ele já sabe o que esperar. O professor "liberal" o confunde, o perturba, tira a clareza da sua percepção sobre a escola, como um espaço que não leva em conta os seus desejos. Aliás, pode ser este o papel do professor "liberal": confundir, para a escola melhor dominar.

educando é um educador e o educador é um educando encontramos aqui a prática do conceito, porque o coordenador do Círculo aprende com a experiência de trabalho das

as contradições sem se isentar delas, e que sabe fazer, junto com os outros e com a práxis de todos, o ANÚNCIO de uma sociedade mais justa, mais honesta, mais inteligente.

"Pensar a educação independentemente do poder que a constitui, desgará-la da realidade concreta em que se forja, nos leva a, de um lado, reduzi-la a um mundo de valores e ideais abstratos, que o pedagogo constrói no interior da sua consciência, sem sequer perceber os condicionamentos que o fazem pensar assim, e de outro, convertê-la num repertório de técnicas comportamentais. Ou ainda, tomar a educação como alavanca de transformação da realidade.

## O perigo é usar as teses de Paulo Freire como muletas dogmáticas

### E PAULO FREIRE COM ISSO?

Tudo isso tem a ver com Paulo Freire, por ser o autor de cabeceira do professor mais conscientizado. É também o autor a que recorrem os liberais para justificar a sua teoria do diálogo. No entanto, somente quando nos aprofundamos radicalmente na análise das suas teses, podemos fugir do perigo de usá-las como muletas dogmáticas e superficiais a apoiar a nossa superficialidade.

Quando Paulo Freire diz que "dizer o mundo é fazer o mundo", isto não é uma abstração. Porque o seu trabalho não é de sala de aula. As si-

pessoas, e as pessoas aprendem com o conhecimento mais sistematizado do coordenador. Ocorre, então, cada participante se tornando capaz de perceber que transforma o mundo através do seu trabalho, e portanto capaz de transformar o seu trabalho através da sua palavra, da sua expressão (extensão de si mesmo, enquanto ser que deseja e que é). "É exatamente isto o que não fez a educação que custumo chamar de bancária, em que o educador substitui a expressividade pela doação de expressões que o educando deve ir 'capitalizando'. Quanto mais eficientemente o faça, tanto melhor educando será considerado (1). Ou seja, é exatamente isto o que não faz a nossa escola, ao não levar em conta, nem pelo professor liberal, a experiência de vida dos alunos: sua gíria, seus papos de esquina, sua moda, seu "fumo", sua vida sexual e afetiva, suas soluções para o mundo, suas defesas e fugas. Isso não interessa. Interessa ora a matéria, ora os grandes problemas da atualidade nacional. E assim eles são discriminados, ora porque não estudam, ora porque não leem jornal nem participam.

Quando diferencia "transfereência de conhecimento" (educação bancária), que pede um recipiente-aluno para ser enchedo sem reclamos, de "ato de conhecer", que pede um ser consciente de sua intencionalidade, Paulo Freire deixa clara a exigência de respeito aos desejos do sujeito, que são respaldo a um saber honesto e significativamente aprendido. Poi isso, defende um educador honesto, como aquele que sabe fazer a DENUNCIA das condições atuais

Na verdade, porém, não é a educação que forma a sociedade de uma certa maneira, mas a sociedade que, formando-se de uma certa maneira constitui a educação de acordo com os valores que a norteiam. Mas, como este não é um processo mecânico, a sociedade que estrutura a educação em função dos interesses de quem tem o poder, passa a ter nela um fator fundamental

gavelmente com os alunos discriminando seus colegas "fascistas", sem perceber que o professor "fascista" não só fascista; é também professor, assalariado, explorador, oprimido. E que o professor liberal não é só "legal"; também professor, e portanto fascista, autoritário, veículo de exploração e da opressão de uma sociedade simestruturada.

É bastante irreal tentar exercer a democracia na sala de aula, se o resto do prédio não for democrático. Se a direção e as coordenações não forem eleitas pelos professores. Se as diferentes tendências de pensamento não forem respeitadas e articuladas para se transformarem em consenso. Se há discriminações sutis e cínicas dentro da própria classe, como permitir outro procedimento a alunos?

## A educação não é alavanca de transformação da realidade

damental para a sua preservação.

A concepção da educação como alavanca de transformação da realidade resulta, em parte, da apreensão incompleta do ciclo acima referido. Funda-se no segundo momento do ciclo, em que a educação funciona como instrumento de preservação. É como se os defensores de tal concepção dissessem: "Se a educação mantém é porque pode preservar o que mantém". Esquecem-se de que o poder que a cria para que ela o mantenha não permite trabalhar contra ele. Por isto é que a transformação radical e profunda da educação, como sistema, só se dá — e mesmo assim não

**"Questionar a educação é a melhor maneira de perguntar pelo futuro da sociedade."**

trapartida — ou seja, são ignorantes sim. Por último: também não é objeto daquele "diálogo" por que este e não aquele professor, que pode entrar até propondo "diálogo", desde que os alunos não dialoguem sobre a sua pessoa. Especialmente sobre se ele deve ser ou não o professor daquela turma. E, considerando que as turmas se formam à revelia de seus componentes vemos que o professor-escola é o dono de muitas e muitas "verdades" mesmo que pose de liberal.

Donde, não é à toa que mesmo as escolas mais arbitrárias gostam de ter entre seus quadros professores "liberais", "jovens" "idealistas" (argh!). Porque esses professores costumam escamotear o autoritarismo da escola. Porque os alunos os usam para falar mal dos "repressivos", descarregando a tensão no "cara legal" através da fofoca, e não se organizando como reprimidos para agir concretamente a respeito. Porque os alunos os usam para descarregar a bagunça acumulada, para "exercitar" toda a sua crítica nos seus métodos, enquanto eles, "madura e paternalmente", aguentam a barra de uma

**Todo professor é autoritário, porque a instituição é autoritária**

tuações educativas que criou têm o nome de círculos de cultura, e emergem de circunstâncias bem concretas, como centros habitacionais, fábricas, lavouras. Assim, "dizer o que faz no mundo é fazer o que diz para o mundo". Ou seja, o programa é decidido em comum nos Círculos de Cultura, a partir das experiências e desejos de todos os seus componentes. Assim, quando é dito que ninguém sabe tudo

Parece-me que as recentes demonstrações o princípio do caminho de união. Parece-me que, com a nossa busca de dignidade profissional, nossas aulas refletirão um maior respeito pela dignidade do outro. Ao estarmos engajados nessa luta pela transformação da sociedade, para não aceitar a exploração junto com os demais trabalhadores, assim também a escola começa a mudar. Principalmente porque, creio, os alunos meçam a se modificar, a engajarem à sua maneira na sua luta pelo respeito à intencionalidade e à integridade ser humano.

### NOTAS

(1) FREIRE, Paulo. Ação cultural na libertação. Rio de Janeiro: 1976. P. 70.

# Reforma salarial mantém lucro alto

"Anistia para o arrocho". Assim o economista Walter Barelli, diretor do DIEESE, definiu o projeto da Política Salarial que será apresentado ao Congresso e Governo Federal. A nova política prevê reajustes semestrais baseados em um novo Índice Nacional de Preços ao Consumidor e aumentos maiores que o custo de vida para quem ganha até três salários mínimos. Aparentemente, uma vantagem para trabalhadores. Mas as vantagens são muitas. Em primeiro lugar, o objetivo de redistribuir renda está longe de ser atingido, porque a relação entre salários e salários será mantida praticamente na mesma proporção.

Os assalariados das faixas mais altas terão aumentos maiores que os do custo de vida. Quem recebe entre 10 e 20 salários mínimos terá 20% a mais do índice e quem ganha acima de 20 salários, 27% menos. Portanto, a política, ao contrário de redistribuir entre patrões e empregados, imita um Robin Hood que tira do assalariado e dá ao assalariado. E beneficia empresas maiores, os monopólios, as multinacionais, que têm folhas de pagamento de altos salários e, com a nova política, terão uma redução em seus custos adicionais.

O salário mínimo — que era ser preocupação máxima de qualquer política de redistribuição de renda — é excluído da nova política. Assim como todos os funcionários públicos. Além disso, o governo já fixou em 27% o primeiro reajuste semestral — para 1º de novembro — atingindo os que tiveram base seis meses atrás — e, de acordo com dados da Fazenda, o custo de vida já é 27% nos seis últimos meses.

Este projeto do Governo, além dos reajustes semestrais, a definição anual em percentual a ser acrescentada aos salários, corresponde ao aumento de produtividade verificado no setor da empresa. Esse aumento negociado diretamente entre empregados e empresas e, no caso de não haver acordo, a Justiça do Trabalho — que voltará a ter um normativo em questões — poderá decidir qual salário a ser adotado.

O Governo vai divulgar um índice de produtividade para servir de referência. Mas o projeto não sabe como será calculado esse índice de produtividade, normalmente é medido da divisão do total produzido pela empresa, pelo

exemplo, como será possível medir produtividade?

## VANTAGENS?

Com a atual taxa de inflação — 59,9% foi o último dado oficial — as duas vantagens oferecidas pela nova política salarial (reajuste semestral e 10% a mais sobre o custo de vida para quem

ganha até 3 salários mínimos) ficam praticamente anuladas. Na verdade, nos anos do chamado "milagre brasileiro", quando mais se criticou o arrocho salarial, a situação era melhor que agora, porque a taxa de inflação anual era menor que a atual taxa de inflação semestral.

Outro exemplo que pode mostrar como é "lenta e gradual" a nova política salarial é o salário mínimo. Ele

**MINISTRO DO TRABALHO QUER SALÁRIOS SEGUNDO CUSTO DE VIDA!**



ganha até 3 salários mínimos ficam praticamente anuladas. Na verdade, nos anos do chamado "milagre brasileiro", quando mais se criticou o arrocho salarial, a situação era melhor que agora, porque a taxa de inflação anual era menor que a atual taxa de inflação semestral.

Mesmo que o Governo modifique o primeiro reajuste semestral, aumentando os 22% que propôs para os 27% que representam realmente o aumento do custo de vida, um trabalhador que recebe até três salários-mínimos perderá grande parte de seu poder aquisitivo durante o ano.

Ele ganha Cr\$ 6.804,00. Uma inflação de 27% por semestre, significa uma perda de 4,1% no poder aquisitivo todo mês. Assim, no primeiro mês, seu salário já caiu para Cr\$ 6.525,00. E, ao final do semestre, caindo todo mês 4,1%, estará valendo realmente Cr\$ 4.966,92 (27% menos que o inicial). Neste ponto, ele recebe o reajuste de 27% e passa a ganhar um salário real de Cr\$ 6.307,98, que já é quase 8% menor que o que recebia no começo do semestre. Este salário também vai-se desvalorizando durante o segundo semestre e chega a valer, realmente, Cr\$ 4.604,82 no final do ano, o que é um salário quase 70% menor que o recebido no início do ano (Cr\$ 6.804,00).

Como se vê, a situação da má distribuição de renda não poderá melhorar a partir daí. Esta situação vem piorando. Segundo o IBGE, em 1960, os 50% mais pobres recebiam

larial é o salário mínimo. Ele não será reajustado semestralmente e nem ganhará nenhum percentual acima do índice, pois, por decisão do Governo, está fora da nova política salarial. Mas, mesmo que ele fosse incluído, seriam necessários dez anos (20 reajustes semestrais) para que ele atingisse o nível em que se encontrava em 1964.

Além de tudo isto, um problema fundamental não foi sequer cogitado: a rotatividade. Sem estabilidade no emprego, e mantido o salário mínimo inalterado, nada impede que as empresas demitem em massa às vésperas do reajuste semestral e recontratem funcionários com base nos antigos salários. Se uma empresa tem grande parte de seus empregados recebendo, por exemplo, um salário mínimo, ela terá que reajustá-los de Cr\$ 2.268,00 para Cr\$ 2.880,00 no primeiro semestre e para Cr\$ 3.658,00 no final do segundo semestre. Será muito mais vantajoso, portanto, demitir a maioria e recontratar, após a época de cada reajuste, pelo mesmo salário mínimo, que seguirá inalterado.

Os sindicatos e também as associações de funcionários públicos estão excluídos da nova política. Revoltados com a imposição desta política salarial já estão se organizando para reivindicar, ao lado do MDB, sua não aprovação pelo Congresso Nacional. Mais de 50 sindicatos já estão preparam uma marcha à Brasília para o dia da votação do projeto.

(Colaboraram para esta matéria os economistas Ana Malin e João Sabóia, do Grupo de Política Salarial do IERJ — Instituto dos Economistas do Rio de Janeiro).

# Luta contra nova CLT une os trabalhadores

A Unidade Sindical do Rio de Janeiro — de que participa nosso Sindicato, ao lado de mais 20 outros — já está discutindo o anteprojeto da CLT que o governo pretende implantar. Tocou-se, por base de discussão, o documento elaborado pelos sindicatos paulistas, que foi enviado, em agosto, ao Governo Federal.

A inspiração fascista da legislação brasileira é lembrada ainda na introdução do documento. E a conclusão é a de que o anteprojeto de reformulação proposto pelo Governo "mantém os mesmos institutos repressivos e princípios básicos da velha consolidação".

Os paulistas acreditam mesmo que, muitas vezes, as alterações propostas representam uma mudança para pior, ditando, entre muitos exemplos, a redução da estabilidade da gestante e o enquadramento autoritário do trabalhador da agroindústria.

lares. Nossos problemas foram reduzidos a quatro questões — carreira docente, estabilidade, aposentadoria e férias — que, além de se apresentarem confusas, tiveram abordagem genérica.

## AS PROPOSTAS

A opinião, unânime, da Unidade Sindical Paulista é de que o anteprojeto chegou fora de tempo porque, ele "não se atém aos princípios que inspiram uma democracia".

## PROFESSORES

Para nossa categoria o anteprojeto da CLT proposto pelo Governo não prevê o pagamento antecipado das férias, nem estabelece que o aumento do número de aulas deva ser sempre acompanhado do adicional de 25%. Os companheiros de São Paulo, considerando que o estabelecimento de uma remuneração mínima para os diferentes setores da categoria é reivindicação de todo o professorado, propuseram a inclusão do tema no novo Código de Trabalho.

Para tal, a remuneração deve levar em conta a perda de poder aquisitivo da categoria nos últimos anos e ser baseada em pesquisas de órgãos independentes como o DIEESE; deve ser proibido o rebaixamento dos salários dos docentes e a contratação de novos professores em níveis inferiores aos normalmente pagos por cada escola.

As maiores críticas se referiram à proposta de tomar por base da remuneração do professorado o salário mínimo mensal vigente, comprovadamente insuficiente para o trabalhador. Além disso, o anteprojeto admite a dispensa por justa causa com fundamento em estatutos internos, elaborados à revelia do professor. E, no que se refere aos professores universitários, demonstra completo desconhecimento da situação atual nas empresas particu-

lares. Convenções Coletivas de Trabalho — com total liberdade para as negociações diretas — também foi uma exigência, ao lado do direito de greve — "a greve deverá ser exercida livremente, garantindo seu direito, sem qualquer discriminação quanto a das 'categorias essenciais' para restringir seu uso". A manutenção do FGTS, com a participação dos trabalhadores na gestão dos fundos foi pedida, mas acima da estabilidade, após o prazo de experiência de 90 dias no emprego.

Os professores do Rio de Janeiro participam da discussão em torno do anteprojeto da CLT e querem, a partir da reflexão sobre este documento de São Paulo, contribuir na Unidade Sindical para a reivindicação conjunta de uma legislação trabalhista mais justa.

**VÁ AO SINDICATO  
ELE É A SUA VOZ**

# NA VOLTA, A MESMA LUTA

Professores, metalúrgicos do Rio e Niterói, rodoviários, petroleiros, — trabalhadores rurais, médicos, petroquímicos, artistas e muitas outras categorias profissionais estiveram representadas pelos presidentes e diretores dos seus sindicatos na recepção que marcou o regresso ao Brasil, vindos do exílio, de três importantes ex-dirigentes sindicais e de um líder de trabalhadores do campo.

**Hércules Corrêa dos Reis**, Lindolfo Silva e Luiz Tenório de Lima, além de Gregório Bezerra, o velho defensor dos trabalhadores da zona canavieira de Pernambuco, desembarcaram no Galeão no dia 29 de setembro e foram recebidos por umas 500 pessoas, que, juntamente com os ex-exilados, fizeram, na própria gare do aeroporto, um prolongado e emocionante comício pelas liberdades democráticas. Em São Paulo, os líderes sindicais foram recebidos por 2 mil pessoas que seguiram do Aeroporto de Congonhas para um ato público no Sindicato dos Aeroviários.

**Hércules Corrêa dos Reis**, atualmente com 50 anos, nascido no Espírito Santo, é operário têxtil. Entre 1960 e 1963 foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Fiação e Tecelagem do Rio e da Comissão Permanente das Organizações Sindicais da Guanabara e membro do Conselho Geral dos Trabalhadores. Era deputado estadual pela Guanabara, mas foi cassado em 1964, quando ocupava a secretaria geral da Assembléia Legislativa. Sua carreira de parlamentar se iniciou em 1946, quando foi deputado à Assembléia Constituinte pelo Partido Comunista Brasileiro, então na legalidade. Deixou o País em 1970, depois de viver na clandestinidade seis anos.

**Lindolfo Silva**, filho de uma família de campesinos do Estado do Rio, começou a atuar no meio sindical rural em 1950. Foi secretário e presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura e, durante muitos anos, secretário da União Internacional dos Sindicatos de Trabalhadores na Agricultura.

Não se sabe a data de sua saída do Brasil para o exílio.

O pernambucano **Luiz Tenório de Lima**, de 56 anos começou sua vida profissional como analista químico de usinas de açúcar do Nordeste, Minas e São Paulo. Foi, por duas vezes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação de São Paulo. Foi também deputado à Assembléia Legislativa de São Paulo, eleito em 1946 pela legenda do Partido Comunista Brasileiro, mas perdeu o mandato um ano depois, quando o PCB foi posto fora da lei. Preso em 1964 pelas forças policiais da Revolução, era, na época, secretário do Pacto de Unidade e Ação (PUA). Antes, em 1961, fora eleito presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria do Estado de São Paulo e diretor da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI). Além disso tudo, foi um dos fundadores do DIEESE.

**Gregório Bezerra**, de 79 anos, pernambucano, foi sargento do Exército até 1935, quando participou do levante comunista em Recife. Anis-



Anistiado pela segunda vez (a primeira foi em 1945), Gre- gório defendeu a união das oposições e a autonomia dos sindicatos.

tado em 1945, foi eleito deputado do PCB à Assembléia Constituinte. Com a decretação da ilegalidade do PCB, perdeu o mandato e voltou para Pernambuco, onde organizou os sindicatos de trabalhadores rurais. Preso em 1964, foi barbaramente torturado, inclusive em praça pública — no Largo da Casa Forte, onde estupefatos moradores o viram ser puxado por uma corda amarrada a um jipe, mal podendo andar porque seus pés haviam sido queimados por ácido. Estava preso quando foi trocado pelo

embaixador Charles Burke Ebrick.

## UNIDADE DAS OPOSIÇÕES

Ao desembarcarem no Galeão, os quatro ativistas sindicais defenderam a união de todas as oposições em torno do MDB, enalteceram a postura da Igreja Católica na luta pelos oprimidos e defenderam a autonomia sindical face aos patrões, ao Estado, aos partidos políticos e instituições religiosas, isto porque, o sindicato tem seus objetivos próprios e sua forma de se expressar.

# SINDICATO E DEMOCRACIA

Ana Maria Szapiro

A atual direção do nosso Sindicato, eleita há um ano, num momento de grande desânimo e descrença da categoria em relação à sua entidade, tem pela frente um objetivo fundamental, expresso no programa que a eleger: o fortalecimento do Sindicato, como representantes dos anseios dos professores, sempre em defesa de seus verdadeiros interesses.

Hoje, somos uma categoria que, ao longo destes 15 anos de arbítrio, sofreu, ao lado do conjunto dos trabalhadores, toda a sorte de opressão e injustiça. Nossos salários, aviltados pela política de arrocho, obrigam a maioria dos professores a dar de 50 à 60 aulas por semana.

A qualidade do ensino caiu vertiginosamente e o governo nos responsabiliza por esta situação. Mas como dar boas aulas, quando não há tempo sequer para prepará-las? Com que dinheiro freqüentar os cursos que nos permitirão atualizar nossos conhecimentos?

As reformas do ensino surgem de cima para baixo, sem nossa participação e estão longe de atender às necessidades da realidade com a qual trabalhamos. A demagogia do governo, criando o ensino de 1º e 2º graus serviu, na verdade, para passar o antigo primário de 6 para 4 anos e fazer do ginásio a extensão do primário.

O direito ao repouso semanal remunerado nos é usurpado sob os argumentos de que os míseros salários hora-aula já o incluem. A aposentadoria aos 25 anos de serviço se arrasta no Poder Legislativo

por culpa de manobras da ARENA que se retira do plenário na hora da votação.

As salas de aula, superlotadas, são aprovadas pelo Conselho de Educação — no qual, diga-se de passagem, os professores não são representados, embora lá estejam os donos de colégios — contrariando qualquer princípio pedagógico.

Como superar tudo isto? Como pressionar os patrões a nos pagar condignamente? Como pressionar o Congresso a aprovar a aposentadoria aos 25 anos? Como combater a reforma da CLT proposta pelo governo com o objetivo claro de nos golpear mais uma vez? Como, enfim, conquistar condições de ensino que nos permitam assumir nosso papel de educadores?

## UNIDADE

Durante todos esses anos temos, apesar das dificuldades, denunciado este estado de coisas e aprendemos que, isolada e individualmente, jamais resolveremos nossos problemas. Isolados, somos mais fracos e, portanto, facilmente derrotados.

Fica claro, então, que apenas nossa união em torno do Sindicato poderá nos levar a vitórias. Será através da organização da toda a categoria em sua entidade que nossa luta assumirá um cunho efetivamente democrático.

Convergir esforços para o fortalecimento do Sindicato significa incorporação à vida sindical. É defender nossos interesses e nossas propostas de luta, submetendo-os, entretanto, à decisão máxima da categoria representada pela Assembléia Geral. É zelar pela qualidade profissional dos mestres, promovendo cursos de especialização.

É estimular atividades de lazer e cultura. É debater e lutar em torno dos problemas mais candentes dos professores.

É, fundamentalmente, sindicalizar em massa nossos companheiros. Contamos, hoje, com apenas 3.800 associados em dia, para uma categoria de aproximadamente 20.000 professores. Sem essa sindicalização em massa, nossa entidade continuará dependendo do imposto sindical compulsório, quando o ideal seria que ela fosse sustentada pela contribuição dos associados.

Além disso, convocamos todos os companheiros a se integrarem no trabalho de construção de uma entidade forte, através de sua atuação nas Comissões que cumprem um papel importante de assessoramento à diretoria do Sindicato. Já funcionam as comissões de Imprensa, Sindicalização, Atividades culturais, Pró-Anistia e Ensino Superior.

Outras comissões serão criadas necessariamente e, já em breve, serão montadas as Delegacias Sindicais nas regiões mais afastadas. Nada disso poderá apresentar resultados positivos sem a participação da categoria.

## DEMOCRACIA

Outro motivo para que os professores se mobilizem e se organizem em torno do sindicato é o fato de que os problemas que o professorado enfrenta só poderão encontrar soluções realmente duradouras se inseridos nas soluções globais das outras categorias da sociedade brasileira. A luta do povo brasileiro pela Democracia também é a luta dos professores. Toda a sociedade busca retomar os

espaços de participação e decisão que lhe foram usurpados nesses 15 anos de arbítrio.

Professores, médicos, jornalistas, motoristas, costureiras, metalúrgicos, bancários, donas-de-casa, enfim, todos os setores da população organizam-se e levantam sua voz exigindo o fim do arrocho salarial, o fim da inflação e melhores condições de vida.

Nas justas reivindicações dos trabalhadores compreendemos, cada vez mais, a necessidade de lutar por liberdade e autonomia sindical, pelo direito de greve, pela liberdade de organização partidária, pela unidade sindical e por uma anistia ampla, geral e irrestrita.

Não interessa a nós, trabalhadores, a proposta do Governo de reformulação da CLT. Não interessa a lei antigreve, que atende apenas aos interesses patronais e só serve para reprimir aqueles que reivindicam salários mais dignos.

A anistia parcial trouxe de volta líderes que vêm se reintegrar à luta, mas ainda permanecem na prisão e no exílio inúmeros brasileiros. Com eles está nossa solidariedade através da continuidade da luta pela anistia ampla, geral e irrestrita.

Pensamos, por isso, ser este o momento de *unidade* de todos os setores populares em torno de uma frente que se materialize nas lutas pela Democracia, pelo fim do arbítrio e pela construção de uma sociedade mais justa.

Portanto, nós professores, organizados em torno de nosso Sindicato, temos que caminhar nessa direção. Neste sentido, práticas divisionistas são desagregadoras, antidemocráticas e atentam contra interesses da categoria. Só a unidade nos permitirá avançar.

# VOLTA DA UNE: UMA LIÇÃO DE DEMOCRACIA

No Largo São Francisco, frente à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, mais de cinco mil estudantes, ex-líderes estudantis, sindicalistas, deputados e membros do Comitê Brasileiro da Anistia se reuniram na noite do último dia 11 de outubro para aplaudir o momento em que Jean Marc van der Weid passou a bandeira azul e branca da União Nacional dos Estudantes ao sucessor na presidência da União, o baiano Rui César Costa e Silva.

Entre a eleição de um e outro, 10 anos se passaram. Nesses anos nos quais a UNE — expressão máxima das ocupações e reivindicações dos universitários brasileiros, decretada ilegal em 1964 — entre as mais intensas perseguições, com a prisão, julgamento e morte de seus líderes. Passados esses 10 anos — e mesmo diante de um novo decreto de urgência, que ameaçava com a punição dos DCEs e Diretórios Acadêmicos que participavam

passaram "de qualquer entidade alheia à instituição de ensino superior" — mais de 300 mil estudantes de todo o Brasil participaram ativamente das eleições para a escolha da nova diretoria da UNE. Eleições livres, com comparecimento não obrigatório e com a ameaça de novas perseguições. E vitórias.

Numa alta demonstração e lição democrática, os estudantes não se deixaram intimidar pelas ameaças do Governo e organizaram um pleito praticamente sem incidentes. As provocações ficaram por conta da reação, que, em todos os Estados, procurou tumultuar o processo eleitoral, impedindo os estudantes de se manifestarem livremente.

Mas as provocações foram evitadas serenamente. Vencendo as medidas repressivas, os universitários brasileiros, através do voto direto, escolheram seus representantes entre as cinco chapas concorrentes Mutirão, Unidade, Novação, Liberdade e Luta e Maioria. O decreto gover-

namental, lançado dois dias antes do pleito, ao contrário de intimidar os diretórios, reforçou a consciência da necessidade de se mostrar ao país que, realmente, é antidi-democrático. E cerca de 1.100 diretórios se fizeram presentes às eleições, para eleger a chapa Mutirão com 110 mil votos.

No dia 4 de outubro, para saldar o ressurgimento vitorioso e forte de sua entidade, estudantes cariocas ocuparam simbolicamente, durante 20 minutos, a antiga sede da UNE, na Praia do Flamengo, que, em 64, foi invadida e incendiada pela repressão. Ali, a UNE nasceu e ali, a UNE comemorou a sua volta. Agora sob a presidência de Rui César, estudante de comunicação em Salvador, 22 anos, que, em sua proposta de trabalho, defende a união de todos os movimentos e representantes populares em favor da democracia, do ensino superior gratuito e do respeito aos anseios e necessidades da população.

# Nogueira acusa: apenas paranoia?

Repercuciram mal e mereceram o repúdio unânime da comunidade científica brasileira as recentes declarações do Presidente da Nuclebrás, embaixador Paulo Nogueira Baptista, para quem os opositores do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha estão, em última análise, defendendo os interesses dos Estados Unidos ou da URSS.

— Era de esperar que um homem investido de elevada posição, como é o caso do Sr.

siva à comunidade científica brasileira", na opinião do Secretário-Geral da Sociedade Brasileira de Física, professor Luiz Pingueira Rosa, do Instituto de Física da UFRJ.

Já o professor Rogério Cerqueira Leite procurou ironizar: não sabe se foi enquadado como comunista, pelo fato de ser professor de Física da Unicamp, ou como "agente do imperialismo norte-americano", uma vez que, atualmente, também é o chefe



Nogueira Baptista, estivesse à altura de seu cargo, fazendo pronunciamentos objetivos, em lugar de lançar mão de chavões totalmente desmoralizados, justamente por seu uso abusivo — rebateu o professor Marcelo Dami.

## UM "NUCLEOPATA"

Para ele, todavia, "felizmente os cientistas raciocinaram de forma diferente, porque, se fossem imitar o padrão de comportamento do embaixador Nogueira Baptista, poderiam dizer, com igual propriedade, que aqueles que defendem o Acordo Brasil-Alemanha estariam, na verdade, defendendo os interesses alemães."

— É óbvio que argumentos desse tipo não podem passar pela cabeça de pessoas responsáveis — observou o professor, que atribui as declarações do presidente da Nuclebrás à falta de argumentos. "Quando há razões técnicas e científicas para usar numa defesa, basta expô-las. Mas quando essas razões faltam, a única coisa que resta é partir para a retaliação, usando-se argumentos emocionais e políticos."

Em verdade, a acusação assacada pelo Embaixador contra os que se têm manifestado contrários ao Acordo, "é totalmente descabida e ofen-

siva à comunidade científica brasileira", na opinião do Secretário-Geral da Sociedade Brasileira de Física, professor Luiz Pingueira Rosa, do Instituto de Física da UFRJ.

O professor Cerqueira Leite tem chamado os responsáveis pela política nuclear do Governo brasileiro de "nucleocratas", mas agora resolveu classificar o Presidente da Nuclebrás na categoria dos "nucleopatas", porque "a paranoia do sr. Paulo Nogueira Baptista é realmente incomensurável".

## REVISÃO TOTAL

Posteriormente às declarações do embaixador Nogueira Baptista, o professor Pingueira Rosa defendeu em Brasília, junto à Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara Federal, a revisão total do Acordo, com o propósito de modificar a natureza das empresas nele envolvidas e transformar a Nuclebrás numa empresa genuinamente brasileira, de fabricação de equipamentos para geração de energia.

Também o diretor do Conselho Nacional de Pesquisa (órgão subordinado à Presidência da República), físico Oscar Sala externou à CPI Nuclear preocupações quanto ao desempenho do chamado pro-Nuclear, que "deve ser revisto criticamente, a fim de atender às suas finalidades".

## MULHER E TRABALHO

Angela Macuco

A participação da mulher na vida econômica, social e política do País requer uma profunda reflexão em cima dos problemas de desigualdades e discriminações a que não sujeitas. Algumas já começam a se questionar sobre o mito da "feminilidade" — sinônimo de alienação, submissão ao marido e aos homens, passividade

sexual, ignorância dos problemas políticos e sociais, pacifismo, impotência criativa e, logicamente, sobre as questões trabalhistas.

Pelo Censo de 1970, de 29 milhões de trabalhadores remunerados, 6,2 milhões são mulheres e estão distribuídas, principalmente, nas seguintes profissões, que são os redutos da mão-de-obra feminina:

Preparadas domésticas .....	32%
Trabalhadores de enxada .....	16%
Professoras primárias .....	8% (490 mil mulheres)
Trárias da indústria do vestuário .....	7%
Trárias têxteis .....	2%
Formeiras não diplomadas .....	1,7%
As .....	33,3%

Quanto aos salários, a situação é alarmante. À medida em que a faixa salarial aumenta, a mulher vai desaparecendo do mercado. Um estudo da pesquisa nacional, feita pelo IBGE, por exemplo, em 1973, a participação da mulher no trabalho remunerado com até um salário mínimo era de 54,8%. O percentual caiu para 0,005% de remuneração superiores a salários mínimos.

Apesar de ser uma das classes femininas de maior risco, também no Ensino Superior, que, à medida que "prestígio" e o salário aumentam, decresce a participação da mulher, visto que constitui 95% do corpo docente.

O problema da participação da mulher nos cursos preparatórios para o Vestibular é específico e será analisado no próximo número da *Folha do Professor*.

### HOMENS, POR QUE NÃO?

Por que o ensino primário é considerado o mais adequado às mulheres? O sociólogo Luiz Pereira, da Universidade de São Paulo, em seu livro "O Magistério Primário e a Sociedade de Classes", recolheu

alguns argumentos das próprias professoras:

"A mulher nasceu para ser mãe e a professora é uma segunda mãe"; "a mulher, na família, coopera como auxiliar e não como arrimo com seu trabalho, e o ordenado dos professores é muito baixo"; "os homens não têm a paciência e a delicadeza que a profissão exige" — e por aí vai.

São preconceitos ridículos com os quais a mulher precisa acabar. É falsa a alegação de que o homem, por sua natureza "forte", não está em condições, como uma mulher, de experimentar ternura, desejo de proteção, interesse pelos filhos que gerou e pelas crianças em geral. Este é, certamente, o fruto de um condicionamento oposto ao feminino, com base no qual a paternidade jamais é apresentada ao homem como um acontecimento importante de sua vida e que a educação das crianças seria um "negócio de mulheres".

Por isso, homens dotados das qualidades próprias para se tornarem ótimos educadores nem chegam a refletir sobre esta possibilidade. As tradições sociais e culturais pesam muito e o medo do ridículo é grande.

No mês de novembro realizaremos, juntamente com o Centro da Mulher Brasileira, um ciclo de palestras sobre o problema do Feminismo, a Mulher e o Trabalho, a Mulher e o Sindicato.

**AJUDE O SINDICATO.  
ELE PRECISA DE VOCÊ**

# OLTA DA UNE: MA LIÇÃO DE DEMOCRACIA

No Largo São Francisco, frente à Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, mais de cinco mil estudantes, ex-líderes estudantis, sindicalistas, deputados e membros do Comitê Brasileiro de Anistia se reuniram na noite do último dia 11 de outubro para aplaudir o momento em que Jean Marc de Weid passou a bandeira azul e branca da União Nacional dos Estudantes ao sucessor na presidência da União, o baiano Rui César da Silva.

Entre a eleição de um e 10 anos se passaram. 10 anos nos quais a UNE — pressão máxima das ocupações e reivindicações universitárias brasileiras — decretada ilegal em 1964 — trouxe as mais intensas perseguições, com a prisão, julgamento e morte de seus líderes. Passados esses 10 anos — e mesmo diante de um novo decreto de urgência, que baixava com a punição dos os DCEs e Diretórios adêmicos que participaram

passaram "de qualquer entidade alheia à instituição de ensino superior" — mais de 300 mil estudantes de todo o Brasil participaram ativamente das eleições para a escolha da nova diretoria da UNE. Eleições livres, com comparecimento não obrigatório e com a ameaça de novas perseguições. E vitoriosas.

Numa alta demonstração e lição democrática, os estudantes não se deixaram intimidar pelas ameaças do Governo e organizaram um pleito praticamente sem incidentes. As provocações ficaram por conta da reação, que, em todos os Estados, procurou tumultuar o processo eleitoral, impedindo os estudantes de se manifestarem livremente.

Mas as provocações foram evitadas serenamente. Vencendo as medidas repressivas, os universitários brasileiros, através do voto direto, escolheram seus representantes entre as cinco chapas concorrentes Mutirão, Unidade, Novação, Liberdade e Luta e Maioria. O decreto gover-

namental, lançado dois dias antes do pleito, ao contrário de intimidar os diretores, reforçou a consciência da necessidade de se mostrar ao país que, realmente, é antidiomocrático. E cerca de 1.100 diretores se fizeram presentes às eleições, para eleger a chapa Mutirão com 110 mil votos.

No dia 4 de outubro, para saldar o ressurgimento vitorioso e forte de sua entidade, estudantes cariocas ocuparam simbolicamente, durante 20 minutos, a antiga sede da UNE, na Praia do Flamengo, que, em 64, foi invadida e incendiada pela repressão. Ali, a UNE nasceu e ali, a UNE comemorou a sua volta. Agora sob a presidência de Rui César, estudante de comunicação em Salvador, 22 anos, que, em sua proposta de trabalho, defende a união de todos os movimentos e representantes populares em favor da democracia, do ensino superior gratuito e do respeito aos anseios e necessidades da população.

# Nogueira acusa: apenas paranoia?

Repercute mal e mereceram o repúdio unânime da comunidade científica brasileira as recentes declarações do Presidente da Nuclebrás, embaixador Paulo Nogueira Baptista, para quem os opositores do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha estão, em última análise, defendendo os interesses dos Estados Unidos ou da URSS.

— Era de esperar que um homem investido de elevada posição, como é o caso do Sr.

siva à comunidade científica brasileira", na opinião do Secretário-Geral da Sociedade Brasileira de Física, professor Luiz Pingueli Rosa, do Instituto de Física da UFRJ.

Já o professor Rogério Cerqueira Leite procurou ironizar: não sabe se foi enquadrado como comunista, pelo fato de ser professor de Física da Unicamp, ou como "agente do imperialismo norte-americano", uma vez que, atualmente, também é o chefe



Nogueira Baptista, estivesse à altura de seu cargo, fazendo pronunciamentos objetivos, em lugar de lançar mão de chavões totalmente desmoralizados, justamente por seu uso abusivo — rebateu o professor Marcelo Dami.

## UM "NUCLEOPATA"

Para ele, todavia, "felizmente os cientistas raciocinaram de forma diferente, porque, se fossem imitar o padrão de comportamento do embaixador Nogueira Baptista, poderiam dizer, com igual propriedade, que aqueles que defendem o Acordo Brasil-Alemanha estariam, na verdade, defendendo os interesses alemães."

— É óbvio que argumentos desse tipo não podem passar pela cabeça de pessoas responsáveis — observou o professor, que atribuiu as declarações do presidente da Nuclebrás à falta de argumentos. "Quando há razões técnicas e científicas para usar numa defesa, basta expô-las. Mas quando essas razões faltam, a única coisa que resta é partir para a retaliação, usando-se argumentos emocionais e políticos."

Em verdade, a acusação assacada pelo Embaixador contra os que se têm manifestado contrários ao Acordo, "é totalmente descabida e ofen-

dos editorialistas e membro do Conselho Editorial do jornal *Folha de São Paulo*.

O professor Cerqueira Leite tem chamado os responsáveis pela política nuclear do Governo brasileiro de "nucleocratas", mas agora resolveu classificar o Presidente da Nuclebrás na categoria dos "nucleopatas", porque "a paranoia do sr. Paulo Nogueira Baptista é realmente incomensurável".

## REVISÃO TOTAL

Posteriormente às declarações do embaixador Nogueira Baptista, o professor Pingueli Rosa defendeu em Brasília, junto à Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara Federal, a revisão total do Acordo, com o propósito de modificar a natureza das empresas nele envolvidas e transformar a Nuclebrás numa empresa genuinamente brasileira, de fabricação de equipamentos para geração de energia.

Também o diretor do Conselho Nacional de Pesquisa (órgão subordinado à Presidência da República), físico Oscar Sala externou à CPI Nuclear preocupações quanto ao desempenho do chamado pro-Nuclear, que "deve ser revisto criticamente, a fim de atender às suas finalidades".

# MULHER E TRABALHO

Angela Macuco

A participação da mulher na vida econômica, social e política do País requer uma profunda reflexão em cima dos problemas de desigualdades e discriminações a que são sujeitas. Algumas já meçam a se questionar sobre o mito da "feminilidade" — sinônimo de alienação, submissão ao marido e os homens, passividade

sexual, ignorância dos problemas políticos e sociais, pacifismo, impotência criativa e, logicamente, sobre as questões trabalhistas.

Pelo Censo de 1970, de 29 milhões de trabalhadores remunerados, 6,2 milhões são mulheres e estão distribuídas, principalmente, nas seguintes profissões, que são os redutos da mão-de-obra feminina:

pregadas domésticas .....	32%
trabalhadores de enxada .....	16%
professoras primárias .....	8% (490 mil mulheres)
trárias da indústria do vestuário .....	7%
árias têxteis .....	2%
primeiras não diplomadas .....	1,7%
as .....	33,3%

Quanto aos salários, a situação é alarmante. A ida em que a faixa salarial cai, a mulher vai deprecando do mercado. Nesta pesquisa nacional, feita pelo IBGE, por estragam, em 1973, a participação da mulher no trabalho remunerado com até um salário mínimo era de 54,8%. O percentual caiu para 0,005% da remuneração superiores a salários mínimos.

Despese de ser uma das ssões femininas de maior prestígio, também no Ensino Superior, que, à medida que aumenta, decresce a participação da mulher, visto que constituí 95% do corpo

60% do antigo ginásial; 50% do antigo colegial; e 23% do magistério universitário — segundo dados do Ministério da Educação e Cultura, referentes a 1971-72.

O problema da participação da mulher nos cursos preparatórios para o Vestibular é específico e será analisado no próximo número da *Folha do Professor*.

## HOMENS, POR QUE NÃO?

Por que o ensino primário é considerado o mais adequado às mulheres? O sociólogo Luiz Pereira, da Universidade de São Paulo, em seu livro "O Magistério Primário e a So-

cialização", defende que os argumentos das próprias professoras:

"A mulher nasceu para ser mãe e a professora é uma segunda mãe"; "a mulher, na família, coopera como auxiliar e não como arrimo com seu trabalho, e o ordenado dos professores é muito baixo"; "os homens não têm a paciência e a delicadeza que a profissão exige" — e por aí vai.

São preconceitos ridículos com os quais a mulher precisa acabar. É falsa a alegação de que o homem, por sua natureza "forte", não está em condições, como uma mulher, de experimentar ternura, desejo de proteção, interesse pelos filhos que gerou e pelas crianças em geral. Este é, certamente, o fruto de um condicionamento oposto ao feminino, com base no qual a paternidade jamais é apresentada ao homem como um acontecimento importante de sua vida e que a educação das crianças seria um "negócio de mulheres".

Por isso, homens dotados das qualidades próprias para se tornarem ótimos educadores nem chegam a refletir sobre esta possibilidade. As tradições sociais e culturais pesam muito e o medo do ridículo é grande.

No mês de novembro realizaremos, juntamente com o Centro da Mulher Brasileira, um ciclo de palestras sobre o problema do Feminismo, a Mulher e o Trabalho, a Mulher

**AJUDE O SINDICATO.  
ELE PRECISA DE VOCÊ**

# HUMOR

MARIANO



## e a merenda escolar



ÉI, D. MARTA!  
TA ÉCHEIO DE MOSCA  
NO MEU ARROZ-DOCE!



TE PREPARA PRA JANTAR QUE HOJE  
TEM SOPA! A PROFESSORA LEVOU  
A TURMA DO ZEZINHO PRA VISITAR  
O MUSEU DE PALEONTOLOGIA,  
OLHA AI!



...DIZ-SE T\_M\_ÉM  
QUE DOM JO\_Ó VII,  
DEVOR\_V\_ MEI\_DUZI\_  
DE FR\_NGOS POR  
REFEI\_~O

A SENHORA ESTÁ  
VENDO? OUTRO QUE  
TEM CARENCIA DE  
VITAMINAS  
A, B e C

